

## MISTURA COMO REPRESENTAÇÃO NACIONAL: A IDENTIDADE BRASILEIRA SEGUNDO LILIA SCHWARCZ

Larissa Faldão Pedroso (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Hilton Costa (Orientador). E-mail:  
ra124465@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,  
Maringá, PR.

### Sociologia: outras sociologias específicas

**Palavras-chave:** Pensamento social; Lilia Schwarcz; Identidade nacional.

### RESUMO

A presente investigação teve como objetivo analisar como a autora Lilia Schwarcz discutiu em algumas de suas obras a associação entre a mestiçagem e a construção da identidade nacional brasileira. Para isso, foram utilizadas algumas de suas obras onde esta questão se faz presente, como: “Sobre o autoritarismo Brasileiro” (2019), “O espetáculo das raças: *cientistas, instituições e questão racial no Brasil*” (1993). “Nem preto nem branco, muito pelo contrário: *cor e raça na sociabilidade brasileira*” (2012) e “Brasil: uma biografia” (2015). Com a realização da pesquisa foi possível notar que nas obras da autora a ideia central no que diz respeito à identidade nacional é de que esta é fortemente atrelada aos interesses políticos de cada contexto, portanto, ela não permanece estática, ou seja, muda no decorrer do tempo. A autora demonstra em seus textos dois momentos em que isso fica nítido, o primeiro é logo após a independência, em que os indígenas foram utilizados como representantes de um “passado heróico”, que contribuía para apagar os males da colonização e o segundo foi durante a Primeira República, com a utilização dos negros e mestiços como representantes oficiais do Brasil, que contribuiu para obliterar o passado escravocrata.

### INTRODUÇÃO

É presente em diversos autores, como a identidade nacional é algo construído e no qual a representação tem grande importância. Para que essa construção seja feita, são selecionadas características consideradas particulares de cada nação e isso passa a ser algo que representa o país e todo o povo em que este é composto, desconsiderando qualquer marcador que diferencie esse “povo” (Anderson, 2008).

Uma das interpretações acerca da identidade nacional que tem grande destaque no Brasil é a da autora Lilia Schwarcz. Portanto, este trabalho pretendeu investigar como Schwarcz constrói sua argumentação acerca deste tema, evidenciando como a questão racial sempre foi o elemento essencial em todos os momentos em que a questão da nacionalidade foi pensada no Brasil, uma vez que a mestiçagem foi vista como algo diferenciador da sociedade brasileira.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Os materiais utilizados foram algumas obras da autora Lilia Schwarcz, sendo elas: *Sobre o autoritarismo Brasileiro*, publicado em 2019; *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*, que foi publicado pela primeira vez em 1993; *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*, de 2012; e *Brasil: uma biografia* publicado em 2015.

Como metodologia, foi utilizado as considerações de John Pocock para encontrar o contexto linguístico no qual as obras da autora estavam inseridas e sua articulação com o contexto social. Além disso, retomou-se as considerações de Pierre Bourdieu acerca do efeito de teoria.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Lilia Schwarcz mostra em suas obras como a utilização das teorias raciais do século XIX teve uma interpretação particular no Brasil, aqui a miscigenação foi vista como saída para unir os diferentes povos que compunham o Brasil em uma única nação. Isto se deu, devido ao projeto nacional que estava sendo construído neste momento. Segundo a autora:

No caso, o pensamento racial europeu adotado no Brasil não parece fruto da sorte. Introduzido de forma crítica e seletiva, transforma-se em instrumento conservador e mesmo autoritário na definição de uma identidade nacional e no respaldo de hierarquias sociais já bastante centralizadas (Schwarcz, 1993, p. 55).

Ou seja, a autora nota como essas teorias foram manipuladas para o contexto brasileiro, uma vez que o país era um caso considerado de “extrema miscigenação”. A autora notou como esses intelectuais do século XIX — financiados em grande parte pelo Estado — viam a miscigenação como algo positivo, desde que levasse ao branqueamento da população.

Neste momento, o Estado passou a financiar diversos artistas a fim de criar um sentimento nacional, uma vez que o Brasil tinha acabado de se tornar independente. Para isso, o Estado monárquico passou a utilizar oficialmente a imagem dos indígenas como representantes da nação e que deixaram ao país um passado honroso. Outros elementos como as paisagens naturais passaram a representar o país, dando a ideia de um “paraíso nos trópicos”. Esse imaginário criado principalmente pela literatura, apagava qualquer conflito existente no país. Segundo Schwarcz:

Nessas obras, os indígenas passivos e idealizados compõem a cena sem alterá-las: são quase um elemento colado à paisagem tropical. Nas amplas telas, a colonização perde seu caráter invasivo, para mostrar-se como um encontro harmonioso e consensual (Schwarcz, 2015, p. 289).

De acordo com a autora, os negros não tiveram espaço nesse discurso nacional, uma vez que remetiam a instituição escravocrata. Porém, após a Abolição, na década de 1930, o discurso nacional passou por uma alteração. Mantendo a raça como elemento central, o protagonismo deixou de ser dos indígenas, passando para os negros e mestiços e com isso, os elementos culturais dessa população passam a fazer parte do discurso nacional, escondendo a real situação dos negros.

## CONCLUSÕES

Foi possível perceber, com a realização da pesquisa, que o argumento principal de Schwarcz é o de que a identidade nacional assume características diferentes dependendo do contexto na qual é “imaginada”. Além disso, ela atende a interesses políticos específicos de cada momento. Quase como uma propaganda, ela pretende enaltecer características consideradas singulares de uma nação e apagar os problemas existentes. No Brasil, a construção da identidade nacional sempre foi pautada em termos de raça, com a exaltação dos indígenas, negros e mestiços, o que acabou escondendo os problemas reais que essas populações enfrentavam.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq pela concessão do financiamento que contribuiu para que a realização da pesquisa fosse possível.

Ao professor Hilton Costa e a todos os outros professores e professoras que têm contribuído para minha formação.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. São Paulo. Companhia das Letras, 2008.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, L. M. STARLING, H. M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.